

ANÁLISE DAS POSSIBILIDADES DE OCORRÊNCIA DE DESERTIFICAÇÃO NA REGIÃO OESTE DA BAHIA

Lucedino Paixão Ribeiro

RESUMO

A atual preocupação de ampliar as fronteiras agrícolas do Estado da Bahia, vem causando preocupações nos meios que se ocupam da conservação da Natureza. Uma análise do meio Natural da Região Oeste da Bahia procura mostrar alguns dos principais problemas de degradação do meio ambiente que o uso e manejo inadequado poderam causar na região.

A região oeste da Bahia há algum tempo vem sendo considerada como a grande esperança, a nova fronteira agrícola do Estado. Recentemente tem-se assistido a invasão de agricultores de outras regiões do Brasil, comprando terras, se instalando e dando início a um processo de produção comercial que não necessariamente condiz com as nossas tradições alimentares e que, por isso, chamamos de cultivos para exportação.

Por não conhecermos no Estado da Bahia uma política de planejamento conservacionista efetiva, entendemos até certo ponto a despreocupação dos órgãos do Ministério ou da Secretaria da Agricultura em pro

curar conhecer o passado, a origem desses novos agricultores que estão se instalando no oeste baiano, para pelo menos sabermos se eles provêm das áreas onde o manejo inadequado e a falta de um planejamento conservacionista transformaram grandes extensões de terras férteis e produtivas em paisagens lunares, com os horizontes pedogenéticos subsuperficiais expostos, pela erosão dos horizontes superficiais, orgânicos e de maior fertilidade natural. Submetido a um processo de sulcos de erosão e vossorocamento profundo, freqüentemente endurecidos (coesos) como um adobe, estes materiais (outrora solos) são hoje o chão de regiões semi-desértica ou em processo de desertificação encravadas no coração do Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Mato Grosso e São Paulo.

Por inexistência absoluta de possibilidade de reaproveitamento dessas terras, com sistemas de manejo de baixo custo (subdesenvolvido) e tecnologia simples, aqueles que foram responsáveis por esses tipos de desastre, nem sempre por sua culpa, mas pela ausência de uma assistência técnica adequada ou uma política de uso, manejo e conservação do solo e da água no nosso País, abandonam tais áreas e se deslocam para outras, onde vão causar os mesmos problemas sobre o solo que a natureza gastou milhares de anos para construir.

Como tem-se visto aplausos e sussurros de esperanças na nova fronteira agrícola do Estado da Bahia, tentou-se desenvolver uma rápida análise dos solos da área e suas relações com alguns fatores naturais e com o seu uso intensivo e desorganizados na região na tentativa de se alertar para futuros problemas.

AS CONDIÇÕES NATURAIS DA ÁREA

Uma rápida olhada no mapa de solos da região, nos evidencia o predomínio absoluto de solos da classe dos Latossolos Vermelho Amarelo, distróficos, com horizonte A fraco, textura arenosa ou tendendo (média) a arenosa³.

Esses Latossolos são solos que fisicamente, salvo no caso dos plínticos, concrecionários e pedregosos, não mostram grandes impedimentos ao uso mas, Universitas. Cultura. Salvador (35): 53-59, jan./mar. 1986

quimicamente, são fracos necessitando de aporte ma
ciço de calagem e adubação; estão geralmente em equi
líbrio com a vegetação nativa e sofrem transforma
ções violentas, no sentido da degradação quando desflo
restados^{5,6}.

Podem se tornar bons meios de produção quando
utilizados sob sistemas de manejo e conservação ade
quados.

A segunda classe de solos em expressão geogr
áfica são aqueles da classe das Areias quartzosas dis
tróficas que normalmente são solos de difícil utili
zação para a grande maioria das culturas, pelas suas
fracas características físicas e susceptibilidade de
erosão.

Como terceira opção na área, poderiam ser co
locados quase que lado a lado em distribuição geo
gráfica os solos Litólico eutróficos e distróficos,
que são rasos, geralmente pedregosos que com certos
cuidados de manejo e conservação podem ser submeti
dos a certos tipos de utilização, mas que algumas
classificações técnicas os destinam para área de pre
servação da vida silvestre e para áreas de lazer. Ao
seu lado aparecem talvez, os grandes tipos de solos
da área, aqueles que não se encontram relacionados
ao arenito Urucuaia e sim à presença de rochas calcá
rias; são os Podzólicos Vermelho Amarelo eutróficos,
com horizontes A, moderados, textura média/argilosa
e arenosa/argilosa, alguns com argila de atividade
alta, mas que em certos casos apresentam rochosida
des. Entretanto, o relevo onde ocorrem esses solos
pode ser desde suave ondulado a ondulado, provocan
do cuidados especiais na sua utilização para evitar
os riscos de erosão.⁴

Além dessas classes de solos, algumas outras
aparecem com pequeníssimas expressões geográficas,
como é o caso dos solos pertencentes às classes dos
Latossolos Vermelho Escuro eutrófico, solos Hidro
mórficos distróficos e dos solos Halomórficos (Solo
netz Solodizado).

A região, em sua grande parte está submetida
a um clima do tipo Aw de classificação de Köppen,
que apresenta na área chuvas máximas no período de
novembro a abril quando caem cerca de 906,9 mm de

chuvas na área nos demais meses do ano, a pluviometria está na ordem de 105,6 mm⁷.

Ao norte da área, o clima é bem mais seco e contrastante e se enquadra dentro da classe BSwh' com uma pluviometria média anual entre 400 e 700mm.

A cobertura vegetal é normalmente a caatinga hiper e hipoxerófila, a floresta caducifólia e o cerrado caducifólio e sub-caducifólio, que são formações vegetais adaptadas, e que reconhecidamente dão pouca cobertura e proteção ao solo contra os riscos de eroção¹.

O relevo da área é normalmente plano e suave ondulado principalmente nas áreas de ocorrência dos Latossolos e das Areias Quartzosas, os Podzólicos e os Litólicos normalmente se encontram sob relevo ondulado e suave ondulado.

O Rio São Francisco é o de maior importância da região, podendo-se citar ainda outros rios perenes com suas cabeceiras nos chapadões de arenitos que servem de divisores de águas entre a bacia do São Francisco e do Tocantins e Paraíba, como o Rio Grande, o Corrente, o Carinhanha e o Preto. A grande maioria dos rios, principalmente ao norte, são intermitentes com volumes de água relativamente grandes na época chuvosa, porém, na maior parte do ano quase não se observa movimento de água nos seus leitos, que ficam secos nos períodos de estiagem, prestando-se para culturas de vazante.

OS GRANDES PROBLEMAS

É dentro desse quadro, que as novas atividades agrícolas estão se desenvolvendo, com a utilização de maciço desflorestamento de uma floresta pouco estudada e conhecida cientificamente, sem portanto uma catalogação de espécies que podem vir a ser utilizadas como, forrageiras, medicinais, melíferas ou outros fins. Após a derrubada vem a queima, em virtude da falta de condições para melhor utilização da madeira e para limpeza dos campos - esta queima é reconhecidamente danosa principalmente em regiões onde as chuvas são incertas e concentradas e que por isso, provocam forte erosão do material previamente preparado para esperar as chuvas para o Universitas. Cultura. Salvador (35): 53-59, jan./mar. 1986

plantiq².

Após o início das chuvas, como antes, a área é submetida a processos de mecanização com utilização de máquinas pesadas, responsáveis pela degradação física dos solos, podendo-se ressaltar os processos de endurecimento de horizontes epidérmicos do solo (horizontes A_3-B_1), também conhecidos como sub-solagem, que além de reduzirem a produtividade são aceleradores dos processos erosivos. Para diminuir os efeitos danosos deste fator, utilizar-se-á novamente máquinas pesadas para quebra destes horizontes compactos. Como o problema retorna, estas práticas se perpetuam degradando os solos.

Como resolver o problema da pobreza química dos solos, da sua acidez e por fim, dos tratamentos sanitários das culturas, já que se quebrou o equilíbrio do sistema e a tendência é a proliferação de pragas. Para o primeiro caso, utilizar-se-á os adubos químicos, que de resto provocarão mais acidez no solo e, se mal aplicado, seus excessos irão para os rios e riachos nos períodos chuvosos eutrofican^{do} as águas. Para a acidez utilizar-se-á o calcário dolomítico e sua utilização a despeito dos fertilizantes químicos, terão que ser anuais, por fim os produtos tóxicos para eliminação das pragas.

Este ciclo vicioso se repetirá, eliminando as características naturais do solo pela eliminação da matéria orgânica, morte da microfauna e microflora do solo, destruição de estruturas, geração de impedimentos físicos e químicos e assim por diante. Aos poucos esses solos também vão perdendo as suas possibilidades de sustentar as culturas e, assim sendo, temos o início da instalação dos processos de DESERTIFICAÇÃO, que como frisado no início é um fato desabonador nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.

Se olharmos por fora do corredor de utilização agrícola da região oeste da Bahia, poderemos nos deparar com outros problemas não menos graves que os apontados, que por certo virão a ocorrer em caso de ausência das providências cabíveis no momento.

Assim é que a erosão fornecerá aos rios uma grande quantidade de materiais sólidos (areias, sil

tes e argilas) que passarão a se movimentar segundo a competência das águas que serão seu veículo de transporte, juntamente com estas partículas, excedentes de agrotóxicos, fertilizantes, adubos e detritos industriais (vinhoto) também serão direta ou indiretamente lançados nos rios e riachos.

Nos períodos pluviosos, poderá ocorrer enches pelo acúmulo de sedimentos nos leitos dos rios, nos períodos menos pluviosos ~~a seca pela falta~~ de proteção dos solos (ausência de vegetação), impossibilidade de penetração das águas nos solos entre outros.

Os rios transportarão também esta carga, para o São Francisco, hipótese que não pode ser afastada, podendo provocar o assoreamento das barragens, esta carga sólida poderá ainda penetrar nas turbinas provocando desgastes por atrito das mesmas, com prejuízos incalculáveis.

Por fim, poderá ocorrer o pior, o desastre ecológico, onde a eutroficação das águas, a presença de resíduos de agrotóxico e de resíduos industriais provocarão o envenenamento progressivo do ambiente e dos seres humanos ao longo do grande vale.

Quando isto acontecer, possivelmente, se o processo for mais lento do que se espera, a hoje nova fronteira, restará desertificada, e aqueles que provocaram o processo estarão procurando ou localizando outra região para começar tudo de novo.

PALAVRAS FINAIS

Poder-se-á pensar que o presente artigo é apocalítico, sensacionalista ou outro rótulo qualquer, entretanto, aqueles que lidam com a conservação da natureza ou dos recursos naturais, estarão vendo talvez mais longe do que o que está acima expresso. Ao contrário, aqueles que esperam extrair tudo da natureza sem nada fazer para conservá-la, esquecendo que ela é o bem maior da humanidade, os rótulos de sensacionalista e apocalítico serão pouco.

O que se espera é a oportunidade de a Universidade Federal da Bahia, através das suas Unidades de Ensino, pesquisa e extensão ligados aos proble-

mas expostos, poder colaborar com os órgãos governamentais e privados na resolução efetiva de problemas tão sérios. A formação de mão-de-obra especializada e o diagnóstico e estudo para resolução dos problemas observados são plenamente cabíveis na UFBA e hoje são conhecidos pesquisadores-docentes capazes de ajudar na preservação dos fatos apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BRAMÃO, D.L. & BLACK, G.A. Nota preliminar sobre o estudo solo-vegetação de Barreiras. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas, 1955. (Boletim,9).
- 2 - HARGREAVES, G.H. Disponibilidades e deficiências de umidade para a Bahia, Brasil. Utah, Universidade do Estado de Utah, 1974.
- 3 - JACOMINE, P.K.T. et alii. Levantamento exploratório-reconhecimento de solos da margem esquerda do Rio São Francisco - Estado da Bahia. Recife, Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos -EMBRAPA,1976. 404p. il. (Boletim Técnico,38)
- 4 - KEGEL, W. & BARROSO, J.A. Contribuições à geologia do sub-médio e baixo Rio São Francisco. Boletim. Divisão de Geologia e Mineralogia. Departamento Nacional da Produção Mineral, Rio de Janeiro, (231), 1966.
- 5 - RIBEIRO, L.P. Distribuição geográfica dos solos de Jequié-BA. Boletim Baiano de Geografia, Salvador, 11, (18): 45-63, agosto 1979.
- 6 - _____. Ferralitização do Nordeste brasileiro - estudo dos solos vermelhos de Jequié-Ba. São Paulo, 1982.367p. Tese de Doutorado - FFLCH-USP.
- 7 - SANTOS, R.F. Andrea dos. Chuvas na Bahia. Salvador, Ministério da Viação e Obras Públicas, 1962. (Série GB, Publicação 241).

RÉSUMÉ

L'Actuelle intention, de la part du gouvernement, D'augmenter les régions agricoles de l'estat de Bahia, cause une grande préoccupation parmi ceux qui s'occupent de la conservation de la nature.

Une analyse du milieu naturel de la région ouest de Bahia montre quelques des principaux problemes de dégragation du millieu naturel, consequence de la mauvaise utilization et aménagement des sds de la région.